

O conto brasileiro na 49ª. edição do Prêmio Jabuti

Luiz Gonzaga Marchezan

FUNDUNESP/UNESP

Palavras-chave: literatura brasileira, conto, intertextualidade, epifania.

Keywords: Brazilian literature, short story, intertextuality, epiphany.

Arthur O. Lopes (n.1950), em *A casa de minha vó e outros contos exóticos* (2006), primeiro contista premiado pelo Jabuti de 2007, mostra-se um ficcionista do continente. O senso de cálculo de Poe é a meta do contista gaúcho na montagem do volume vencedor dos melhores contos do Jabuti de 2007.

A casa de minha vó e outros contos exóticos constitui-se de doze contos em que o sexto entre eles, «A casa de minha avó», sobrepõe-se aos demais. Nele, os avós são reconhecidos pelo neto, narrador e personagem, como oráculos, mediadores, para o protagonista, do mundo em que vive. Assim, com a avó, o protagonista aprende acerca da prudência e do bom senso, comportamentos tradicionais que não praticará; exercerá os ensinamentos do avô, o do xadrez, o do jogo e o do modo como deve ser escrito um livro de contos.

Ao lado disso, também para o ofício de escrever, recomenda o avô ao seu neto: «É preciso ter paixão e imaginação [...]» (Lopes, 2006: 59). O avô do protagonista morre no cinema, de um ataque cardíaco, como o protagonista do primeiro conto do livro: «Cine Avenida».

Planejamento, unidade, paixão e imaginação leva-nos para os moldes da trama de E.A. Poe. Assim como no ficcionista norte-americano, lemos em A.O. Lopes dois dos procedimentos da narrativa do autor de «O retrato oval», integralmente incorporados:

- 1 – imagens concretas para a definição das sensações narradas;
- 2 – uma história extratemporal, voltada para mapas, manuscritos, enigmas e vivida por uma personagem inquieta.

A. O. Lopes cria, com liberdade, sua expressão literária para a representação do mundo narrado. Como em Poe, suas personagens têm vontade e querer, conforme no imaginativo sétimo conto, «O Apocalipse», em que o protagonista, após chegar a uma cidade e com ajuda de mapas, contracenava com os quatro cavaleiros do Apocalipse, num enredo em que a contingência do fantástico é mediada por um professor de filosofia com inclinações para o sacerdócio. O destino do mundo, no conto acima, encontra-se nas mãos dos quatro cavaleiros do Apocalipse; no segundo conto, o destino do protagonista está resumido a sua sorte num jogo de xadrez, quando salvo pelo cavalo, ou no azar do mesmo protagonista, num momento de guerra (entre chimangos e maragatos), em que seu cavalo, machucado, facilita a execução do cavaleiro. No terceiro conto, o destino da personagem encontra-se numa dança.

As pulsões do horror, que A.O. Lopes também lê em Poe, fixam-se no quarto conto do livro: «Como bater numa criança». Entre o horror e o inusitado, o escritor opta pela representação de um inusitado horror e, assim, Dr. Figueira, o perito em empalhamento de animais, quando fora da sua função, compra, em lojas especializadas, crianças para sová-las. Estas, por sua vez, profissionais, vêem tal violência com normalidade e própria para a formação do seu caráter.

Os excessos, o não habitual, como em Poe, levam um executivo ao delírio, quando ao ler o seu jornal, no conto quinto, «O corsário», imagina-se numa aventura no interior de tal embarcação. A aventura passa por luxúria, sexo, cenas grotescas e pela procura de um tesouro através de mapa.

«Nos subterrâneos» conduz a personagem e, então, automeado autor do livro, a se deparar, enquanto lê no seu quarto, com seres fantásticos que optam por habitar o seu armário. Trata-se de um armário da casa da sua avó. O armário é entrada para uma rede subterrânea, um labirinto, «que descia para as fundações da casa». Trata-se da casa do avô e da avó, falecidos, povoada de fantasmas e pelo «esdrúxulo gosto que a vida tem pelo inusitado e pelo exótico» (Lopes, 2006: 120). A casa dos avós é a casa que situa o fabulário do autor a partir da sua auto-representação ficcional. A casa dos avós é o finca-pé de um ficcionista que, do seu interior, aproxima-se do imaginário, soltas memórias, lugares a partir dos quais se afasta da religião e experimenta suas intenções próprias, como no décimo conto: «O dia em que eu matei Deus».

As intenções próprias do protagonista autor encontram-se, no décimo primeiro conto, novamente mapeadas numa cidade, agora, para a descoberta da mulher, da sua sensualidade. Desse modo, de um lado, temos a identidade feminina e, de outro, a de uma cidade, outra descoberta mapeada, agora, fora dos alicerces da casa da avó. Esse

conto liberta o discurso amoroso utilizado no oitavo conto: «A via crúcis do amor», entre um homem devasso e uma mulher que tudo suporta, até o momento em que o entende para convertê-lo. Lemos, assim, mais uma vez, Poe, nos seus motivos preferidos e entre extremos, o do amor submisso, ao lado, mais outra vez também, da encruzilhada de destinos, povoados novamente pela obsessão desse livro de contos de A.O.Lopes, os mapas.

Diante de onze contos mapeados, convencionalmente representados e calculados por A.O.Lopes, qual o cálculo da literatura desse autor para tal convenção? Qual é o cálculo de A.O.Lopes para a sua ficção? Temos, assim, o décimo segundo conto: «Da literatura», momento em que o ficcionista, conforme esse seu conto, eixo de suas proposituras literárias, o de número doze do livro, elogia, citando-os, os escritores Poe, Kafka e Borges.

A.O.Lopes busca em Poe, como procuramos demonstrar, sua originalidade na construção de um texto de ficção. Poe tem uma tese em meio a uma combinação de incidentes contingenciais. Acreditamos que Kafka e Borges procuram o mesmo com a sua ficção. A diferença é que, em Poe, seus argumentos transformam-se numa forma de narrar; em Kafka e Borges, seus argumentos são a sua maneira de narrar, praticamente sem forma, num sentido quase literal, em que transparecem tanto o kafkiano como o borgeano. A.O.Lopes, o supostamente dividido, recorre aos cálculos narrativos de Poe, recobertos com as variantes narrativas, paródicas, estereotipadas de Borges. De Poe, manipula, intermitentemente, um duplo: o embate entre a memória e sua representação ficcional. De Kafka retirou o insondável, o abissal, bem presente nas suas metáforas espaciais, também presentes em Borges e Poe, em labirintos e mapas. Kafka, com naturalidade, pouco explícita, sintática e semanticamente, acerca do seu universo narrado e, para o nosso assombro, leva-nos para os limites da linguagem e do pensamento humanos. De Borges, tem, por fim, as histórias do seu livro como um duplo das já contadas, nos moldes como contou as suas, lidas a partir dos livros lidos na casa dos avós.

João Anzanello Carrascoza (n.1962), segundo contista premiado pelo Jabuti de 2007, não está próximo de Poe, ou de Kafka, nem mesmo de Borges. Persegue, ao seu modo, no modo de construir o seu texto, uma originalidade, na maneira como tenciona o imprevisto, e de modo epifânico.

Carrascoza, no laureado *O volume do silêncio* (2006), depara-se com o melancólico, na maneira como, no interior das suas histórias, crianças e adultos defrontam-se com o mundo. O tema da infância perpassa onze dos dezessete contos do livro. Os restantes ficam para a representação da vida familiar, que não deixa de incluir a criança. Os cronotopos bakhtinianos do encontro e do desencontro, assim, melancolicamente, tencionam os dezessete contos, reunindo, no âmbito da epifania, os universos infantil e adulto. João Anzanello Carrascoza realiza, desse modo, a mímese como a expressão

que presentifica algo que está ausente e que se faz percebida por epifania. Para Arthur Oscar Lopes a imitação está em descrédito e seu texto não nos aproxima de uma realidade imediata. Carrascoza, melancólico, contempla a memória e dela quer revelações. A contemplação estética que João Anzanello Carrascoza realiza no universo que narra prevê a empatia do seu leitor; o ficcionista coloca-se nas circunstâncias e situação do outro. A empatia é uma atitude que aproxima o sujeito que quer promovê-la do objeto empático, sem distanciamento. É o autor, numa entrevista, que nos diz:

Creio que é fundamental a publicação de obras que compreendam o universo dos jovens, sob pena de eles se afastarem dos livros e, aos poucos, deixarem de ser leitores. Quem não lê deixa de mergulhar no mundo da poesia, alija-se do prazer intenso que só uma leitura proporciona. (Carrascoza, 2002)

O volume do silêncio (2006), como dissemos, em seus dezessete contos, dramatiza, para o jovem, leitor visado de Carrascoza, temas circunscritos à vida em família, anterior e posterior à juventude. O da infância, como já observamos, fica com onze deles, todos no âmbito dos limites claros da vida infantil diante da solidão, da inquietação perante o enigma do mundo e dos múltiplos impulsos afetivos próprios da criança.

A ficção de João Anzanello Carrascoza, dessa maneira, nos limites de uma epifania, trabalha com a representação da memória metonímica. Em *O volume do silêncio* (2006), a epifania mostra-se atravessada pela voz onisciente de um narrador que argumenta em torno de experiências exemplares, num tempo rastreado de uma maneira não linear e por implicações entre as partes de um todo, que fixam, dramatizam, traços temporais diferentes, de tempos diferentes, o das lembranças significativas e verossímeis, dadas como numa sucessão de quadros, os cronotópicos quadros dos encontros e desencontros.

O narrador onisciente de Carrascoza, do ponto de vista do presente da narração, encontra-se imerso na disposição de rememorar; conduz o fio do tempo perdido, o que lhe possibilita, ao recordá-lo, selecioná-lo através de suas metonímias memoráveis: o vidro, o pião, o vaso azul, o galo, o rio, etc. A memória, assim ordenada, por metonímias, quer revelações, porém, não lemos essa peripécia interior à mente do protagonista, apenas a expressão de emoções, sensações – da vida interior relacionando-se com a exterior, no âmbito dos cronotopos dos encontros e desencontros, suportes da epifania.

Em «O menino e o pião», como exemplo da primeira vertente da contística do volume, um menino, com pião e seu cordel nas mãos, sentado à escada da entrada da sua casa, aguarda seu pai retornar do trabalho. A falta de luz do cair da tarde e o silêncio dessa mesma tarde, contrastam com o momento iluminado do menino, alegre, inquieto com a espera. Entre a chegada, o descanso do pai, que antecede o seu banho e deste até o jantar, o menino, como um pião, gravita em torno de seu pai, momentos em que ambos se tocam e trocam olhares.

O cronotopo tece, assim, para a epifania, as relações que agregam, para a narrativa, o tempo e o espaço para a representação da recordação; possibilita ao discurso literário uma entoação que lhe proporciona, de acordo com Bakhtin (1988: 224), a «reversibilidade de momentos» e a sua «possibilidade de transferência» para o espaço epifânico da narrativa, diante do poder absoluto de um acaso, contingencial, que configura, no tempo e no espaço, a epifania determinante na ficção de João Anzanello Carrascoza.

«Duas tardes», no segundo exemplo da direção tomada pelas narrativas de *O volume do silêncio* (2006), traz o encontro entre dois irmãos – Antonio e Pedro, que há muito não se viam. Antonio é viajante e Pedro cozinheiro. Antonio surge diante de Pedro, na cozinha do restaurante em que trabalha seu irmão, em meio a uma nuvem de vapor do panelheiro. Pouco conversam. Entre os dois, a recordação de uma pesca que juntos fizeram quando meninos, num rio, com muito sol. A cozinha exala tempero; no ambiente de fora da cozinha, o externo, muito sol. Antonio come um peixe que o irmão lhe serve. E, assim, no espaço do encontro, celebra-se o da recordação, com peças de seu cenário: sol e peixe. A despedida, como o reencontro e todos esses anos de desencontro, silenciosa.

O volume do silêncio (2006) constitui-se numa antologia de contos que reúne uma seleta de narrativas de quatro outros livros de João Anzanello Carrascoza. O fabulário de Carrascoza opta pelo verossímil. O verossímil tem uma função motivada; quer dar visibilidade para algo legível e crível do mundo. Interessou-nos a análise dos procedimentos criadores da semelhança, dramatizados a partir de comportamentos flagrados nos universos infantil e adulto; na expressão daquela semelhança, na sua equivalência, com diferença, que transparece nas arquiteturas da epifania e do cronotopo.

Quando uma obra não fala diretamente de experiências humanas, quando sua composição não se faz de modo auto-referente, ela toca, preponderantemente, o sublime ou o bizarro. E, no caso, temos o universo de *A casa de minha avó e outros contos exóticos* (2006). Ou, conforme Bakhtin (1988: 225):

O exotismo pressupõe uma intencional contraposição do estranho com o familiar, nele o insólito daquilo que é alheio é realçado, por assim dizer, é saboreado e minuciosamente representado pelo que é subentendido, habitual, conhecido.

A questão da imagem literária divide, portanto, aqui, contistas e contos que mantêm, digamos, no processo da leitura da sua produção, referências conhecidas ou inusitadas para o seu leitor, da sua experiência de leitura, ou insólitas, estas, imersas num jogo inusitado e híbrido entre tantas outras imagens desconhecidas e conhecidas, que o mundo dos desejos procura dar acesso à verdade. Dá-se esse jogo, exatamente, entre os mundos vivido e o dos desejos, nestes, momentos em que o onírico vela e desvela. Assim, passamos a ler os objetivos dos sujeitos que escrevem e os objetos da sua escrita

nas dimensões de um imaginário, de uma trama de fantasias, a partir das posições que escrevem, sua língua e literaturas que lêem. A imagem literária é ficção, algo que pode ou não ter decalque nos limites legíveis das imagens conhecidas e reconhecidas no âmbito da realidade imediata. Imaginário, de acordo com Barthes (1975: 128), pode significar «aquilo que não se pode escrever sem a condescendência do leitor».

A.O.Lopes é um leitor de Borges, este, leitor de Poe. Entre os três, com diferenças, o gosto por argumentos extratemporais. Para eles, o mundo é de palavras e o tempo é sucessão, labirinto. Como Poe e Borges, A.O.Lopes simula, pela memória cultural, uma ligação da sua literatura com a tradição, porém, as verdades narradas surpreenderão sempre, labirínticas que serão.

Trata-se de outro tipo de memória a representada pela ficção de Carrascoza. Embora num volume de silêncio, a memória humana ganha expressão na sua literatura ligada a uma idéia de recordação e por meio de alguém que recorda, sabe recordar, mostra-se envolvido com o memorável. O memorável, no caso, não se confunde com o verdadeiro, situação densamente trabalhada pela versão literária que João Anzanello dá à memória, isto porque, a sua constatação, epifânica, pelos sentimentos, de algo sensível, encontra-se representada por mobilizações enunciativas no âmbito da produção de um pensamento sensível, dissolvido, inicialmente, no tempo, por sensações e reunido, depois, com um novo conteúdo, em percepções permeadas pela recordação. O memorável em João Anzanello Carrascoza tem a freqüente mediação da enunciação, que faz, silenciosamente, determinantes conexões; monta idéias, combina-as. Afinal, há algo inescapável na produção da literatura: combinar e seqüenciar narrativas.

A literatura constitui-se num lugar de metamorfoses, de transformações. O seu texto, por isso, subjuga as categorias da ficção. Conforme reflexão de Teixeira Coelho (2007): «Conteúdos precisam de forma [...] O significado precisa de um significante [...] O imaginário precisa de expressão, precisa instituir-se».

Menalton Braff (n.1938) ganhou o Jabuti do ano de 2000, com os contos de *À sombra do cipreste* (2000). Em 2007 foi finalista daquele prêmio com *A coleira no pescoço* (2006). O drama de existir, nos vinte contos desse volume de Menalton Braff, passa pela configuração da liberdade interior das suas personagens, na forma velada como ela é representada, diante do titubeante desdobramento dos comportamentos da vontade e do prazer dos seus protagonistas.

O existir, na ficção de Rubem Fonseca (n.1925), não é dramático: a vontade e o prazer, para as suas personagens, não têm limites e os embates dão-se naturalmente. Em *Elas e outras mulheres* (2006), nos seus vinte e sete contos, as personagens são movidas por estímulos que não despertam afinidades, relações de afeto e, dessa maneira, naturalizam um comportamento truculento na maneira como, libertas da afetividade, elas atribuem sentido ao que bem entendem diante do que fazem.

O drama de existir está no modo como o sujeito se porta diante do que lhe aparenta objetivo e subjetivo, o drama que move a sua liberdade. As personagens de Rubem Fonseca não são livres, são sozinhas; a sua liberdade é física, o que leva sua autonomia pessoal ao extremo, ao extermínio sem culpa do seu semelhante. O seu individualismo extrapola as regras da convivência humana. Desse modo, a narrativa de Rubem Fonseca aproxima, de modo frontal, o leitor de uma combinação de acontecimentos narrados sem motivos intermediários; são contínuos e sempre distorcidos, estranhos e, por excesso, afirmam-se na narrativa com truculência.

Charles Kiefer (n.1958) foi finalista do Jabuti 2007 com o livro de contos *Logo tu repousarás também* (2006) – dezesseis narrativas curtas que trazem histórias realistas e fantásticas. O contos de Kiefer caracterizam-se, de início, pelo assentamento de seu ritmo, que fixa o clímax da narrativa em relação ao seu fecho. Para isso, ação, diálogos e cenas dramáticas funcionam num estilo direto, exato, com sobreposições dos tempos presente e passado, mediados por um narrador incisivo, ora em primeira, ora em terceira pessoa, ora, até, com dicção autobiográfica. Neste momento, «Rosa Rosarum», penúltimo conto da coletânea, traz passagens da tese de doutorado do seu criador: *Invenções e fontes de Jorge Luís Borges*, trabalho filiado à Ecdótica, em que o método hermenêutico busca a composição da forma paródica dos contos do escritor argentino. De acordo com Kiefer (2006: 95), no seu trabalho acadêmico, orientado por Regina Zilberman: «[...] descrevo o que, na obra do escritor argentino, é inventado e o que é real».

A questão da ausência de limites temporais na narrativa de Borges, da presença, por contrapartida, do infinito, do fantástico, aproxima o conto do ficcionista argentino de uma história com múltiplos caminhos e estes da metáfora espaciotemporal do enigma, como no caso dos contos de Kiefer. O mundo, para Borges, como dissemos, é de palavras. Neste mundo, para ele, sempre houve o tempo, a sucessão. O corpo, o visível, não tem valor. A sua literatura inventa tempos, destrói o cronológico, promove a variedade temporal. Assim, a presença das coisas no mundo real nada valem.

Contos de Pedro (2006), selecionado como finalista do Jabuti 2007, reúne nove contos de Rubens Figueiredo (n. 1956); sete deles, com mais de trinta páginas; em todos eles, o nome do protagonista é Pedro. Se, de um lado, Figueiredo alonga os seus contos em suas páginas, do outro, dada sua preferência esmerada por aquela forma literária, procura aglomerar os seus motivos em torno de um núcleo temático dramatizado em imagens obsessivas, voltadas para uma personagem com um único nome. Rubens Figueiredo, para isso, configura, para os seus contos, uma espacialidade asfixiante, ao lado de doenças, mutilações e da incomunicabilidade, que se associam em narrativas que contam alegoricamente a fragilidade do homem contemporâneo, o que constitui exatamente no núcleo dos seus contos alongados.

Autran Dourado (n.1926) foi finalista no Jabuti 2007 e o vencedor, em 2008, do Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da sua obra, láurea concedida pela Academia Brasileira de Letras desde 1911.

A idéia de conjunto, de fato e não por acaso, envolve a obra de Waldomiro Autran Dourado.

O senhor das horas (2006), seu livro de contos selecionado pelo Jabuti, traz, conforme observação já refletida do autor acerca da sua poética, não apenas suas «memórias imaginárias, mas um livro de memória, um livro temporal, o que não quer dizer cronológico» (Dourado, 1973: 68).

O senhor das horas (2006) conta com uma voz narrativa que retoma, com traços líricos e épicos, o universo de «Duas Pontes», situado então em *O risco do bordado* (1970). O livro é composto por seis contos, todos, envolvidos com Duas Pontes, uma cidade imaginária, um macro-universo, espaço ficcional de um passado que envolve as personagens do ficcionista.

O memorialismo, dessa forma, na obra do ficcionista mineiro, constitui-se, de acordo com Helder Macedo (1992: 9), num processo de «auto-referenciação textual», ou, «na representação literária do processo de composição» da memória: representa, isso sim, a intervenção, na narrativa de Autran Dourado, de um eu autoral, das suas observações no tempo.

Aos 80 anos, com um livro de contos que mais uma vez celebra o tempo, Autran Dourado retoma, conforme Benjamin (1975: 73), «um cerne histórico de linhas mestras», que sustentam sua «memória épica», uma «memória eternizante», dedicada a lembrar seus heróis consagrados nos seis contos de *O senhor das horas* (2006). O nosso comentário do livro prende-se, de modo conciso, em observações acerca do conto mais longo do volume, com oitenta páginas, intitulado «O herói de Duas Pontes».

Nele, o narrador de Autran Dourado trabalha sua «memória épica» a partir de um pensamento em fluxo, organizado pelo discurso indireto livre, que procura tanto transfigurar as verdades narradas, trazidas pela lembrança, como ampliar o modo justaposto como o ficcionista elabora suas histórias memoráveis, ao lado, ainda, das memórias de suas leituras, no caso, de dois sonetos de Camões que animam a narrativa: «Um mover de olhos, brando e piedoso» e «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades». O narrador de Autran Dourado, delegado da voz autoral, e senhor das horas, de forma singular, consegue, na linha do tempo e dos níveis narrativo e discursivo dos intertextos, evocar seus protagonistas, valorizando-os, sob o tônus do primeiro e segundo sonetos camonianos, respectivamente, na acuidade da sua sensibilidade sobre a existência e no seu humanismo.

Desse modo, temos, com *O senhor das horas* (2006), uma obra literária viva representando alguém, um protagonista, possivelmente já morto para a narrativa, que acabou de lembrá-la, por meio de paixões que são as nossas e de nossa vida literária.

Autran Dourado, por meio de contos memorialistas, centrado em «Duas Pontes», ilustra-nos, de forma subliminar, como do seu gosto, uma concepção de mundo e da nossa condição humana: somos, como habitantes desse mundo, um estoque de experiências vividas, que, uma vez considerado, e com sorte, pode nos descobrir.

A composição literária que sustenta os contos dos sete finalistas da 49ª. edição do prêmio Jabuti é múltipla e tem o propósito de narrar este tempo contemporâneo, sem descartar quer sensações, quer sentimentos, quer racionalidades, quer o bizarro. A dialogia está nos acontecimentos construídos pela língua. Assim, utilizam-se, ao seu modo, da intertextualidade, Arthur Oscar Lopes, Charles Kiefer e Autran Dourado, que se aproveita também da auto-intertextualidade. João Anzanello Carrascoza, Menalton Braff, Rubem Fonseca e Rubens Figueiredo procuram um modo de fazer o seu texto longe da emulação.

A epifania aproxima Anzanello Carrascoza de Menalton Braff; é um procedimento constante em Carrascoza e bem menos em Braff. O drama de existir, a busca do discernimento diante da existência faz-se na motivação primeira do texto de Menalton Braff, o que o aproxima de Rubens Figueiredo, distanciando-se, porém, das imagens obsessivas de Figueiredo. Estas obsessões aproximam-no de Rubem Fonseca e com outra diferença; em Fonseca o obsessivo marca o determinismo de suas narrativas, afastando-o de todos os demais ficcionistas.

Uma obra, de acordo com Foucault, traz a operacionalização de estruturas verbais movidas por relações experimentadas por uma escrita transgressora que ora mostra e ora esconde sua autoria...Tudo, porém, acontece no texto, com o texto e, até por isso, com a incorporação de um texto noutro. Conforme reflexão de Teixeira Coelho (2007), já citada: «Conteúdos precisam de forma [...] O significado precisa de um significante [...] O imaginário precisa de expressão, precisa instituir-se».

O imaginário, continuamos, precisa instituir-se e fazer-se significar independentemente do seu modo de expressão: por emulação, revelação ou obsessão. Na observação de Leyla Perrone Moisés (2008: 12):

A literatura atual é um imenso mosaico, feito de modestos pedacinhos de realidade que não formam uma figura inteligível. Em cada um dos pedacinhos, o que fica registrado, com maior ou menor talento pelos escritores mais jovens, é o enclausuramento individual, o desencanto ou o medo diante de uma realidade incompreensível, hostil e ameaçadora. O que é que «faz sentido», hoje em dia?

Bibliografia

BAKHTIN, M. (1988). *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Editora da Unesp/Huicitec.

- BARTHES, R. (1975). *Roland Barthes por Roland Barthes*. Lisboa: Editora 70.
- BRAFF, M. (2006). *A coleira no pescoço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BENJAMIM, W. (1975). *O narrador*. São Paulo: Editora Abril.
- CARRASCOZA, J.A. (2006). *O volume do silêncio*. São Paulo: CosacNaify.
- (2002). «Em poucas páginas, a construção de um mundo. João Anzanello Carrascoza fala sobre sua ligação com o gênero literário do conto». Entrevistador: José Aloise Bahia. *KPlus*, Campinas, edição número 35, de 01-07-2002. Disponível em: <www.k.plus.com.br>. Acesso em: 25 dezembro 2007.
- DOURADO, A. (2006). *O senhor das horas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- (1973). *Uma poética de romance*. São Paulo: Editora Perspectiva/INL.
- FIGUEIREDO, R. (2006). *Contos de Pedro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FONSECA, R. (2006). *Ela e outras mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FOUCAULT, M. (2000). «Linguagem e literatura». In: MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 139-174.
- KIEFER, C. (2006). *Logo tu repousarás também*. Rio de Janeiro: Record.
- LOPES, O.L. (2006). *A casa de minha vó e outros contos exóticos*. São Paulo: Edições Inteligentes.
- MACEDO, H. (1992). «As ficções da memória». *Remate de Males* 12, 9-13.
- PERRONE MOISÉS, L. (2008). «Globalização no campo da literatura». Entrevistador: Hélio Conso-laro. *Revista E / Portal SESCSP*. São Paulo, edição número 128, de jan. 2008. Disponível em: <<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=entrevistas/docs/globalizacao>>. Acesso em: 25 maio 2008.
- TEIXEIRA COLEHO NETO, J. (09 de Dezembro 2007). «As formas de um país». *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais.

Resumo: Resumo Este trabalho analisa as tendências do conto brasileiro contemporâneo a partir da premiação que a Câmara Brasileira do Livro conferiu ao gênero, em 2007, na 49ª. edição do Prêmio Jabuti, a mais importante láurea da Literatura Brasileira. Os dois contistas vencedores foram: Artur Oscar Lopes e João Anzanello Carrascoza. Os finalistas: Autran Dourado, Charles Kiefer, Manalton Braff, Rubens Figueiredo e Rubem Fonseca.

Abstract: Based on the awarding of the 2007 Jabuti Prize for short stories, this paper surveys the trends in contemporary Brazilian short fiction. The Jabuti Prize is the most prestigious literary award in Brazil. Artur Oscar Lopes and João Anzanello Carrascoza were the winners and Autran Dourado, Charles Kiefer, Manalton Braff, Rubens Figueiredo and Rubem Fonseca were the shortlisted authors.